Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Tomé, Gina Maria Quinás, 1973-
Matos, Margarida Gaspar de, 1956-
Simões, Celeste
Camacho, Inês Nobre Martins, 1978-
Diniz, José Manuel Fragoso Alves

Influência do grupo de pares e monitorização parental : diferenças entre géneros

http://hdl.handle.net/11067/281
https://doi.org/10.34628/4z4d-xh77

Metadados

Data de Publicação 2012

Resumo O objetivo do presente estudo foi analisar se o tipo de amigos influencia os comportamentos de risco e o bem-estar dos adolescentes de forma diferenciada entre os géneros e se a monitorização parental poderá moderar essa influência também de forma diversa entre os géneros. A amostra utilizada neste estudo foi constituída pelos sujeitos participantes no estudo português realizado em Portugal Continental em 2006, parte integrante do estudo Europeu HBSC – Health Beaviour in School-Aged Children. O ...

Palavras Chave Pressão dos pares na adolescência, Pais e adolescentes

Tipo article

Revisão de Pares Não

Coleções [ULL-IPCE] RPCA, v. 03, n. 2 (Julho-Dezembro 2012)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-13T07:17:05Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

INFLUÊNCIA DO GRUPO DE PARES E MONITORIZAÇÃO PARENTAL: DIFERENÇAS ENTRE GÉNEROS
PEER GROUP INFLUENCE AND PARENTAL MONITORING: DIFFERENCES BETWEEN GENDERS

Gina Tomé, Margarida Gaspar de Matos, Celeste Simões, Inês Camacho e José Alves Diniz
Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa; CMDT/UNL

Autor para correspondência
Gina Tomé
ginatome@sapo.pt

Resumo: O objetivo do presente estudo foi analisar se o tipo de amigos influencia os comportamentos de risco e o bem-estar dos adolescentes de forma diferenciada entre os géneros e se a monitorização parental poderá moderar essa influência também de forma diversa entre os géneros.

A amostra utilizada neste estudo foi constituída pelos sujeitos participantes no estudo português realizado em Portugal Continental em 2006, parte integrante do estudo Europeu HBSC – Health Beaviour in School-Aged Children (www. hbsc.org; www.fmh.utl.pt/aventurasocial; www.aventura social.com; Matos et al., 2006). O estudo português incluiu alunos dos 6º, 8º e 10º anos do ensino público regular com média de idades de 14 anos (DP=1.9). A amostra nacional é constituída por 4877 estudantes.

Os resultados indicaram que a influência do grupo de pares age de forma idêntica em rapazes e raparigas, assim, para ambos os géneros quando os adolescentes têm mais amigos com comportamentos de risco envolvem-se mais em comportamentos de risco, quando têm mais amigos com comportamentos de protecção têm maior bem-estar. Para a moderação da monitorização dos pais

nessa influência, não se verificou efeito significativo para a maioria das variáveis, nem diferenças na moderação entre os géneros.

Palavras-Chave: Géneros, tipo de amigos, monitorização parental, comportamentos de risco, bem-estar

Abstract: The aim of the present study was to analyze whether the type of friends influences adolescence's risk behaviors and well-being in terms of gender differences and. if parental monitoring may moderate such influence, also in terms of gender differences.

The sample includes participants from the Portuguese study, conducted in 2006 in continental Portugal, part of the European Health Behavior in School-Aged Children Study (www.hbsc.org; www.fmh.utl.pt/aventurasocial; www.aventurasocial.com; Matos et al., 2006). The Portuguese study included students from 6th, 8th and 10th grade of the regular public education system, with an average of 14 years of age (DP=1.9). The national sample has 4877 students.

The results indicate that the peer group influence is similar among boys and girls: in both genders, when adolescents have friends that get involved in risk behaviors, they get more involved in risk behaviors and, when their friends have protective behaviors they present higher well-being. Regarding the parental monitoring in such influence, there was no significant effect in most variables, nor differences in moderation between genders.

Key-words: gender; type of friends; parental monitoring; risk behaviors; well-being.

Introdução

Ao longo da adolescência os pares passam a ser as figuras de referência e uma relação próxima com os pares pode providenciar menos sintomas de depressão e ansiedade. A preocupação com o estudo da influência que os pares poderão ter nos comportamentos dos adolescentes encontra-se associada a essas alterações nas relações sociais, que ocorrem durante a adolescência. Os adolescentes deixam de ser influenciados pelos pais e passam a ter que tomar decisões sobre a sua vida de forma mais independente (Sussman, Pokhrel, Ashmore, & Brown, 2007). No entanto, o papel dos pais será sempre importante para os adolescentes. A atitude dos pais relativamente ao consumo de álcool, por exemplo, poderá ser um factor importante para o não envolvimento dos adolescentes nesse comportamento. Os que têm percepção que os pais têm uma posição de desaprovação forte relativamente ao consumo de álcool consomem menos álcool (Martino, Ellickson, & McCaffrey, 2009). A percepção de suporte

parental pode prenunciar níveis elevados de auto-estima e competências sociais e menos problemas de comportamento (Rubin et al., 2004).

Hartup (2005) considera que a influência do grupo depende do tipo de amizade que os adolescentes mantêm. As diferenças sociais e psicológicas também se revelam importantes, como o temperamento, a história familiar, ou os traços da personalidade. No geral, para serem influenciados, os adolescentes, têm de ter alguma afinidade com o grupo de pares, por isso o grupo de referência poderá ter maior influência nos seus comportamentos (Lapinski & Rimal, 2005).

Sieving, Perry, e Williams (2000) observaram que o consumo de álcool entre os adolescentes ocorria essencialmente pelo processo de influência e não de selecção. A mesma tendência se verificava para o consumo de substâncias. Usualmente verifica-se que os adolescentes que pertencem a um grupo de pares onde a maior parte dos amigos são fumadores, têm maior probabilidade de fumar. Os autores referem ainda que o processo de influência pode ser mais forte quando os amigos se encontram inseridos em contextos onde o consumo de álcool é mais frequente. Esse efeito é interpretado como a influência do grupo de pares. No entanto, também existe a possibilidade dos adolescentes escolherem amigos que tenham comportamentos semelhantes aos seus, ou seja, que fumem, e isso seria o efeito da selecção da amizade. Os dois factores contribuem para a homogeneidade do grupo de pares ao longo da adolescência (Go, Green Jr., Kennedy, Pollard, & Tucker, 2010).

Uma variável importante a considerar na relação dos adolescentes com o grupo de pares é o género, pois rapazes e raparigas interagem de forma diversa com os pares (Pereira & Matos, 2005), tornando a relação diferente em função do género (Markovits, Benenson, & Dolenszky, 2001). As raparigas dão maior importância a amizades mais próximas, caracterizadas pela partilha e empatia. Os rapazes por sua vez mantêm amizades mais focadas no companheirismo, competição e com mais conflitos (De Goede, Branje, & Meeus, 2009). Os rapazes tendem a estar mais tempo com o grupo, já que passam mais tempo com os amigos, ficam mais dias com os amigos depois das aulas e saem mais vezes à noite com os amigos (Tomé, Matos, & Diniz, 2008). As raparigas mostram maior proximidade emocional com os amigos, costumam ter amizades mais restritas e mais íntimas. Eles encontram-se geralmente inseridos em grupos maiores, com maior abertura para novas amizades e menor intimidade (Nangle, 2004; Vaquera & Kao, 2008), sendo mais permeáveis às influências do grupo nomeadamente nos comportamentos de risco (Kuntsche & Gmel, 2004). Elas mantêm amizades mais próximas, baseadas na confiança, segurança e apoio (Scheider, 2000).

Durante a frequência da pré-escola as crianças mantêm amizades entre pares de géneros diferentes, tendência que se altera durante o primeiro ciclo, onde as amizades são maioritariamente entre o mesmo género. Essa tendência vai desaparecendo com a idade (Scheider, 2000). Nangle (2004) realizou um estudo com o objectivo de verificar a existência de diferenças nas amizades entre os géneros e verificou que os adolescentes tendiam a associar-se a pares

semelhantes a nível do estatuto social e estilo comportamental, e que a tendência às similaridades dos pares aumentava no género feminino, devido à preferência por amizades mais próximas.

De Goede, Branje e Meeus (2009) verificaram que o suporte social associado aos pares aumentava durante a adolescência, para os rapazes e para as raparigas. As diferenças entre as amizades dos rapazes e das raparigas eram visíveis nas questões relacionadas ao poder, mais visível entre os rapazes. As interações negativas eram menos visíveis nas raparigas, que mantinham amizades mais próximas, enquanto os rapazes encontravam-se inseridos em grupos maiores, mantendo amizades mais distantes. Clark e Lohéac (2006), verificaram que o efeito do grupo era mais forte para os comportamentos de risco, especialmente para o consumo de álcool, mais nos rapazes do que nas raparigas. Os rapazes conheciam os amigos há mais tempo do que as raparigas. As raparigas eram mais resistentes à influência dos amigos. Para ambos, rapazes e raparigas, a influência ia diminuindo conforme a idade ia aumentando, e essa diminuição é visível mais cedo para as raparigas.

A influência do grupo de pares poderá aumentar quando existe menos monitorização parental. Por sua vez, parece haver uma tendência para a monitorização parental diminuir durante a adolescência (Sumter, Bokhorst, Steinberg, & Westenberg, 2009).

Ao longo do processo de socialização o suporte social, não apenas dos amigos mas também dos pais, pode representar um benefício psicossocial importante no desenvolvimento da saúde dos jovens (Piko & Hamvai, 2010). A monitorização parental é uma das variáveis referenciada como factor com forte protecção para o consumo de substâncias durante a adolescência, uma vez que influencia o comportamento dos jovens minimizando o envolvimento em comportamentos de risco e o envolvimento com grupo de pares desviante (Ennett, Foshee, Bauman, Hussong, Cai, & McNaughton Reyes, 2008). Quando os adolescentes percebem menor monitorização parental têm maior envolvimento em comportamentos de risco (Cottrell, Yu, Liu, Deveaux, Lunn, Bain, & Stanton, 2007).

A comunicação e apoio parental podem ser fontes alternativas do apoio do grupo de pares e agir como factor de protecção para os comportamentos de risco (Anteghini, Fonseca, Ireland, & Blum, 2001). Os comportamentos adoptados pelos pais servirão ainda como modelo para os que serão adoptados pelos adolescentes nos seus contextos sociais (Bricker, Peterson, Sarason, Andersen, & Rajan, 2007). Por outro lado, um estilo parental intrusivo, super-protector ou controlador, pode ser fortemente associado ao isolamento social. Os pais super-protectores podem restringir os comportamentos dos seus filhos, desencorajar a independência e controlar as actividades dos filhos, o que poderá limitar o desenvolvimento de estratégias de resolução de problemas, ou outras estratégias de coping necessárias para estabelecer relações interpessoais (Rubin, Coplan, & Bowker, 2009). Os pais são um importante recurso para o desenvolvimento emocional dos adolescentes, ajudam-nos a explorar os contextos sociais e

formar amizades mais próximas. As relações sociais positivas, dentro e fora da família, favorecem as experiências positivas e o desenvolvimento saudável dos adolescentes (Wilkinson, 2010).

Pais excessivamente controladores podem reforçar a ansiedade e angústia da criança, dificultar a sua autonomia, reforçar a dependência para com os pais, oferecendo poucas oportunidades de desenvolver estratégias de coping. Por outro lado, uma atitude positiva por parte dos pais, onde existe carinho e proximidade, encorajamento da autonomia e sintonia com as necessidades das crianças, encontra-se associado a um desenvolvimento harmonioso nas crianças e adolescentes (Bayer, Sanson, & Hemphill, 2006). Quando as crianças e adolescentes experienciam relações negativas com os pais, podem procurar maior suporte social entre os amigos.

O suporte social dos pais pode ser vivenciado de forma diferente entre os géneros. Piko e Hamvai (2010), num estudo realizado com 881 estudantes húngaros, com idades compreendidas entre os 14 e 20 anos, observaram que o suporte social dos pais, onde se incluíam actividades como, jantar com a família e falar com os pais sobre os seus problemas, estava associado à maior satisfação com a vida nos rapazes. Para as raparigas falar sobre os seus problemas com os pais estava positivamente associado à satisfação com a vida, enquanto a monitorização parental estava negativamente associada. Choquet, Hassler, Morin, Falissar, e Chau (2008) verificaram que a monitorização parental e o suporte parental poderiam influenciar mais os comportamentos das raparigas do que os dos rapazes.

Borawski, Landis, Lovegreen, e Trapl (2003) verificaram que quanto menos supervisão os pais fazem das actividades dos filhos, maior a probabilidade de envolvimento em comportamentos de risco. Os autores verificaram que nos rapazes a monitorização parental encontrava-se associada ao menor consumo de álcool e maior utilização do preservativo, enquanto para as raparigas a monitorização parental não afectava o seu comportamento. Já a percepção de confiança parental estava associada a comportamentos sexuais protectores, menor consumo de tabaco e haxixe, nas raparigas e menor consumo de álcool para os rapazes. Essas diferenças foram encontradas também por Luk, Farhat, Iannotti, Simons-Morton (2010) que verificaram num estudo com 1308 adolescentes americanos, que a comunicação entre pais e os adolescentes do género masculino era protectora para o consumo de drogas enquanto a comunicação com a mãe surgiu como protecção para o consumo de tabaco. Por sua vez nem a comunicação com o pai nem a comunicação com a mãe surgiram como protecção para o consumo de substâncias para as raparigas. Já Ackard, Neumark-Sztainer, Story e Perry (2006) observaram que a percepção de dificuldade em comunicar com os pais sobre os seus problemas estava associada ao maior risco de consumo de substâncias nos rapazes e nas raparigas.

Assim, a influência do grupo de pares ocorre essencialmente ao longo da adolescência, podendo actuar de forma diferenciada entre rapazes e raparigas. A

participação dos pais na vida dos adolescentes poderá moderar essa influência.

O objetivo do presente estudo é analisar se o tipo de amigos influencia os comportamentos de risco e o bem-estar dos adolescentes de forma diferenciada entre géneros e se a monitorização parental pode moderar essa influência, também de forma diversa entre os géneros.

Metodologia

Amostra

A amostra utilizada neste estudo é constituída pelos sujeitos participantes no estudo português realizado em Portugal Continental em 2006, parte integrante do estudo Europeu HBSC – Health Beaviour in School-Aged Children (www.hbsc.org; www.fmh.utl.pt/aventurasocial; www.aventura social.com; Matos et al., 2006).

O estudo HBSC iniciou-se em 1982 através de uma equipa de investigadores da Finlândia, Noruega e Inglaterra e desde 1985/86 é realizado de 4 em 4 anos. Ao longo dos anos o estudo foi crescendo e actualmente conta com a participação de 44 países Europeus e da América do Norte, em colaboração com a Organização Mundial de Saúde O estudo tem como objectivo conseguir uma nova e maior compreensão do comportamento de saúde dos adolescentes, saúde e bem-estar no seu contexto social, através da recolha de dados que permitam comparações nacionais e internacionais, de forma a alcançar este objectivo.

O estudo português incluiu alunos dos 6º, 8º e 10º anos do ensino público regular com média de idades de 14 anos (SD=1.9). A amostra nacional consistiu em 4877 estudantes de 257 turmas, de 125 escolas Portuguesas escolhidas aleatoriamente, representativa dos referidos anos de escolaridade e estratificada por regiões de Educação Regional.

Procedimento

A unidade de análise usada neste estudo foi a turma. Em cada escola as turmas foram seleccionadas aleatoriamente a fim de se encontrar o número requerido de alunos para cada turma, que era proporcional ao número dos mesmos fornecido pelo Ministério da Educação. Os professores administraram os questionários na sala de aula. A participação dos alunos era voluntária. O estudo ocorreu em Janeiro de 2006.

Medidas e Variáveis

Na recolha de dados utilizou-se o questionário HBSC 2006, segundo o respectivo protocolo. Entre outros, este questionário faculta informação sobre

os dados demográficos, sobre os indicadores de bem-estar (qualidade de vida relacionada com a saúde, felicidade e satisfação com a vida) e sobre a relação com os pares (Currie, Samdal, Boyce & Smith, 2001). Neste estudo foram utilizadas variáveis associadas à relação dos adolescentes com o grupo de pares, ambiente escolar, comportamentos de risco, violência e bem-estar.

A influência dos amigos foi medida por uma escala constituída por 12 itens. Após a realização de uma análise factorial exploratória, a escala foi dividida em três factores, com KMO=.79. No primeiro factor ficaram incluídos os cinco itens referentes aos amigos com envolvimento em comportamentos de risco, com um α=.83, no segundo ficaram os quatro itens referentes aos amigos com comportamentos de protecção, com um α=.57 e no terceiro factor os três restantes itens correspondentes aos amigos com comportamentos alternativos, com um α=.52. Neste estudo optou-se por utilizar apenas os dois primeiros factores (amigos com comportamentos de risco e amigos com comportamentos de protecção). Para ir ao encontro do objectivo do estudo juntaram-se os dois factores, de onde foi criada uma escala com três grupos: amigos com comportamentos de risco, amigos com comportamentos de protecção e amigos com ambos os comportamentos.

Para avaliar os comportamentos de risco, criou-se uma escala composta por três itens (Já alguma vez ficaste embriagado? ("apanhaste uma bebedeira"), Quantas vezes fumas tabaco? E Quantas vezes consumiste drogas ilegais no último mês?) com um α=.66.

A violência foi avaliada através de uma escala composta por três itens (Quantas vezes tomaste parte em provocações a outro(s) aluno(s), nos últimos 2 meses?, Nos últimos 12 meses, quantas vezes estiveste envolvido numa luta? e Nos últimos 30 dias, quantos dias andaste com uma arma?) com um α=.52.

Utilizou-se ainda uma escala de monitorização parental, constituída por cinco itens, com opção de resposta "sabem alguma coisa e não sabem nada", com um α=.68, de forma a verificar o seu efeito moderador nas restantes variáveis. A escala foi dividida em muita monitorização e pouca monitorização, através da análise dos percentis, para ir de encontro ao objectivo proposto no presente estudo.

Os sintomas físicos e psicológicos foram submetidos a uma análise factorial (KMO=.89) e foram encontrados dois factores com uma variância explicada de 43.4%. O primeiro factor, sintomas físicos, é definido pelas variáveis: dores de cabeça, dores de estômago, dores nas costas, dores de pescoço, tonturas e cansaço, com um α=.74. O segundo factor, sintomas psicológicos, é composto pelos itens: triste ou deprimido, irritado, nervoso, dificuldades em dormir e medo, com um α=.74.

A escala utilizada para medir a Qualidade de Vida foi Kidscreen-10 (Gaspar & Matos, 2008). Esta escala é constituída por 10 ítens que situam o adolescente na semana anterior para que responda, numa escala de Likert de cinco pontos, entre "nada" e "totalmente". Esta escala é utilizada com apenas um factor com α=.78.

A satisfação com a vida foi medida com a escala de Cantril (1965),

representada graficamente como uma escada, onde o degrau "10" corresponde à "melhor vida possível" e o degrau "0" representa a pior vida possível; foi solicitado que os adolescentes assinalassem o degrau que melhor descrevia o que sentiam naquele momento.

A variável independente no presente estudo foi os grupos do tipo de amigos. A variável da monitorização parental foi introduzida como variável moderadora. O género foi também incluído como factor na análise da moderação, de forma a analisar se os resultados se diferenciam entre os géneros. As restantes variáveis utilizadas foram variáveis dependentes. Para a análise dos resultados recorreu-se ao teste Chi-Square, à comparação de médias (Anova) e à Análise de Variância Univariada (GLM).

Resultados

Os grupos do tipo de amigos ficaram constituídos por amigos com comportamentos de risco N=207 (12.2%), amigos com comportamentos de protecção N=775 (45.6%) e amigos com ambos os comportamentos N=717 (42.2%).

Utilizou-se o split file de forma a realizar a análise dos resultados por géneros.

Para as diferenças entre os grupos dos tipos de amigos, verificou-se através do teste Chi-Square, que os rapazes aos 11 anos ($\chi2=48.801(4)$, $p\leq.001$, 50%) e aos 13 anos ($\chi2=48.801(4)$, $p\leq.001$, 52.3%) têm mais amigos com comportamentos de protecção, enquanto aos 15 anos passam a ter mais amigos com ambos os comportamentos ($\chi2=48.801(4)$, $p \leq .001$, 58.5%). Para as raparigas observou-se a mesma tendência.

Para as variáveis "quantidade de amigos chegados" e "amigos especiais", os resultados não foram estatisticamente significativos.

Para a satisfação com a escola, os rapazes que gostam da escola têm mais amigos com comportamentos de protecção ($\chi2=37.227(2)$, $p\leq.001$, 82%) e os que não gostam têm mais amigos com comportamentos de risco ($\chi2=37.227(2)$, $p\leq.001$, 45.5%). O mesmo se verificou entre as raparigas.

No que se refere à felicidade, os resultados para o género masculino não foram estatisticamente significativos. Para as raparigas, as mais felizes têm mais amigos com comportamentos de protecção ($\chi2=28.079(2)$, $p\leq.001$, 83.9%) enquanto as mais infelizes têm mais amigos com comportamentos de risco ($\chi2=28.079$ (2), $p \leq .001$, 37.9%).

Os resultados para a variável "ser provocado" não foram estatisticamente significativos nem para o género masculino, nem para o género feminino.

Tabela 1 - Diferenças entre tipo de amigos para os géneros

Rapazes										
		Amigos com Comportamentos de Risco		Amigos com ambos Comportamentos		Amigos com Comportamentos de Protecção		Total	$\chi 2$	gl
		N	%	N	%	N	%			
Idade	11 anos	17	13.9	44	36.1	61	50.0	122	48.801***	4
	13 anos	33	15.1	71	32.6	114	52.3	218		
	15 anos ou mais	51	12.4	241	58.5	120	29.1	412		
Número de amigos chegados	Nenhum	1	1.0	3	.9	1	.3	5	6.496	4
	Um	0	.0	5	1.5	0	.0	5		
	Dois ou mais	95	99.0	335	97.7	287	99.7	717		
Amigos especiais	Sim	85	96.6	330	96.8	269	95.4	684	.851	2
	Não	3	3.4	11	3.2	13	4.6	27		
Sentimento pela escola	Gosto	55	54.5	228	64.2	241	82.0	524	37.227***	2
	Não Gosto	46	45.5	127	35.8	53	18.0	226		
Felicidade	Feliz	82	82.0	292	83.7	261	89.1	635	4.979	2
	Infeliz	18	18.0	57	16.3	32	10.9	107		
Ser Provocado	Não fui provocado	53	54.6	198	56.7	148	50.7	399	7.457	6
	Menos do que uma vez/ semana	37	38.1	120	34.4	123	42.1	280		
	Cerca de uma vez/semana	1	1.0	16	4.6	11	3.8	28		
	Frequentemente	6	6.2	15	4.3	10	3.4	31		

*** $p \leq .001$

Raparigas										
		Amigos com Comportamentos de Risco		Amigos com ambos Comportamentos		Amigos com Comportamentos de Protecção		Total	χ2	gl
		N	%	N	%	N	%			
Idade	11 anos	1	0.7	50	32.7	102	66.7	153	92.574***	4
	13 anos	14	5.1	81	29.2	182	65.7	277		
	15 anos ou mais	91	17.6	230	44.5	196	37.9	517		
Número de amigos chegados	Nenhum	1	1.0	2	.6	1	02	4	2.210	4
	Um	1	1.0	6	1.8	5	1.1	12		
	Dois ou mais	102	98.1	334	97.7	463	98.7	899		
Amigos especiais	Sim	101	99.0	339	96.0	465	98.1	905	4.606	2
	Não	1	1.0	14	4.0	9	1.9	24		
Sentimento pela escola	Gosto	73	69.5	284	79.3	432	90.2	789	35.356***	2
	Não Gosto	32	30.5	74	20.7	47	9.8	153		
Felicidade	Feliz	64	62.1	265	73.8	397	83.9	726	28.079***	2
	Infeliz	39	37.9	94	26.2	76	16.1	209		
Ser Provocado	Não fui provocado	61	58.7	226	63.0	299	63.3	586	2.265	6
	Menos do que uma vez/ semana	33	31.7	109	30.4	134	28.4	276		
	Cerca de uma vez/semana	5	4.8	11	3.1	16	3.4	32		
	Frequentemente	5	4.8	13	3.6	23	4.9	41		

*** p≤.001

Relativamente à análise ANOVA, para todos os resultados, verificou-se através do teste da homogeneidade das variâncias que os grupos não cumpriram o pressuposto das variâncias iguais e não se distribuíram igualmente, dessa forma optou-se por utilizar os índices de ajustamento do teste robusto Brow-Forsythe.

Observou-se que os rapazes com mais amigos com comportamentos de risco têm maior envolvimento em comportamentos de risco (F2,176.300)=48.985, p≤.001) (M=5.2; DP=2.5), maior envolvimento em comportamentos de violência (F2,203.320)=29.610, p≤.001) (M=6.9; DP=3.4), passam mais tempo com os amigos fora do horário escolar (F2, 307.641)=21,907, p≤.001) (M=6.4; DP=3.8) e têm média inferior de bem-estar (F2,288.480) =10,215, p≤.001) (M=37.5; DP=6.3).

Relativamente ao género feminino, as raparigas com mais amigos com comportamentos de risco têm maior envolvimento em comportamentos de risco (F2,212.563)=43.797, p≤.001) (M=4.9; DP=2.1), maior envolvimento em comportamentos de violência (F2, 280.142)=6.465, p≤.01) (M=4.08; DP=1.9), ficam mais tempo com os amigos fora do horário escolar (F2,403.455)=13.666, p≤.001) (M=4.64; DP=2.7), têm média inferior de bem-estar (F2,444.753)=49.969,p≤.001) (M=33.9; DP=5.4), média inferior de satisfação com a vida (F2,400.053)=19.316, p≤.001) (M=6.9; DP=2), mais sintomas físicos (F2,392.026)=10.367, p≤.001) (M=12.1; DP=5.1) e mais sintomas psicológicos (F2,292)=13,316, p≤.001) (M=11.3; DP=5.4).

Tabela 2 - Médias dos grupos do tipo de amigos entre géneros

Rapazes	Amigos com Comportamentos de Risco			Amigos com ambos os Comportamentos			Amigos com Comportamentos de Protecção				
	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	F****	p
Comportamentos de Risco	86	5.25	2.5	318	4.71	4.7	269	3.29	.7	48.985	.000***
Violência	94	6.88	3.4	333	5.54	2.7	287	4.45	1.5	29.610	.000***
Bem-Estar (KIDS)	93	37.50	6.3	339	39.05	5.3	284	40.40	5.0	10.215	.000***
Satisfação com a vida	100	7.21	2.1	354	7.17	1.8	294	7.58	1.7	3.991	.019*
Sintomas Físicos	98	8.99	4.3	351	9.22	4.0	287	8.72	3.2	1.246	.289
Sintomas Psicológicos	100	8.21	4.2	350	8.15	4.1	285	7.69	3.3	1.252	.287
Raparigas	Amigos com Comportamentos de Risco			Amigos com ambos os Comportamentos			Amigos com Comportamentos de Protecção				
	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	F****	p
Comportamentos de Risco	95	4.94	2.1	326	4.12	1.7	448	3.29	.8	43.797	.000***
Violência	97	4.08	1.9	349	4.05	1.8	457	3.64	1.2	6.465	.002**
Bem-Estar (KIDS)	102	33.90	5.4	350	36.90	5.7	461	39.39	5.3	49.969	.000***
Satisfação com a vida	106	6.47	2.0	360	6.98	2.0	478	7.60	1.7	19.316	.000***
Sintomas Físicos	105	12.08	5.1	350	11.49	5.3	476	10.20	4.1	10.367	.000***
Sintomas Psicológicos	103	11.29	5.4	355	10.11	4.4	476	8.91	4.0	13.316	.000***

* p ≤ .05; *** p≤. 001; **** Brown-Forsythe

Para verificar em que medida a monitorização dos pais funciona como moderador entre a influência dos amigos e os comportamentos de risco e o bem-estar dos adolescentes, para cada um dos géneros, realizou-se um conjunto de análises de variância univariada a três factores. O grupo dos tipos de amigos e os géneros estiveram presente em todas as análises, assim como a monitorização parental que foi inserida como variável moderadora em todas as análises. As variáveis dependentes foram todas as variáveis estatisticamente significativas nas análises do Chi-Square e ANOVAS. As variáveis categoriais (sentimento pela escola e felicidade) foram estandardizadas através do Zscore.

A primeira análise que procurou verificar o efeito moderador da monitorização parental na relação entre o tipo de amigos, os géneros e a felicidade, mostrou um efeito principal da monitorização parental ($F,1402)=17.808$, $p\leq.001$) e do género ($F1,1402)=10.412$, $p\leq.001$). O efeito do tipo de amigos ($F2,1402)=1.834$,n.s.), da interacção entre a monitorização e o tipo de amigos ($F2,1402)=2.798$, n.s.), da interacção entre a monitorização e os géneros ($F1,1402)=1.108$, n.s.), da interacção entre o tipo de amigos e os géneros ($F2,1402)=2.606$, n.s.) e da interacção entre a monitorização, o tipo de amigos e os géneros ($F2,1402)=2.863$, n.s.) não foram estatisticamente significativas. O efeito da monitorização indica que os adolescentes com maior monitorização parental são menos infelizes (M=-.03, DP=.94) do que os que têm menos monitorização parental (M=-.37, DP=1.1). Quanto ao efeito do género, este indica que os rapazes são menos infelizes (M =-.08, DP=.96) do que as raparigas (M=.12, DP=.96).

A segunda análise procurou verificar o efeito moderador da monitorização parental na relação entre o tipo de amigos, os géneros e a satisfação com a vida. Observou-se novamente um efeito principal da monitorização parental ($F1,1412)=26.944$, $p\leq.001$) e do género ($F1,1412)=4.488$, $p\leq.05$). O efeito do tipo de amigos ($F2,1412)=1.598$, n.s.), da interacção entre a monitorização e o tipo de amigos ($F2,1412)=1.156$, n.s.), da interacção entre a monitorização e os géneros ($F1,1412)=1.257$, n.s.), da interacção entre o tipo de amigos e o género ($F2,1412)=1.467$, n.s.) e da interacção entre o tipo de amigos, a monitorização e o género ($F2,1412)=2.541$, n.s. não foram estatisticamente significativos. Assim, os adolescentes com maior monitorização parental estão mais satisfeitos com a vida (M=7.4, DP=1.8) do que os que têm menos monitorização parental (M=6.4, DP=2.2) e os rapazes estão mais satisfeitos com a vida (M=7.3, DP=1.7) do que as raparigas (M=7.3, DP=1.8).

A análise da moderação da monitorização na relação entre o tipo de amigos, os géneros e o bem-estar revelou um efeito principal da monitorização parental ($F1,1364)=22.961$, $p\leq.001$), do tipo de amigos ($F2,1364)=8.769$, $p\leq.001$) e do género ($F1,1364)=13.669$, $p\leq.001$). Dessa forma, os adolescentes com maior monitorização parental têm maior bem-estar (M=38.8, DP=5.3) do que os adolescentes com menos monitorização (M=35.7, DP=6.7), enquanto os adolescentes com amigos com comportamentos de risco têm menos bem-estar

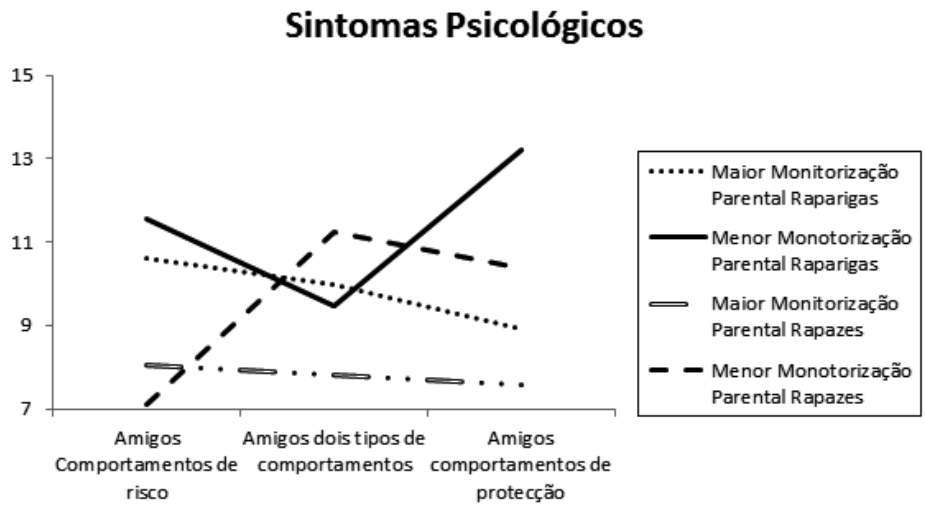
(M=35.8, DP=5.9) do que os que têm mais amigos com ambos os comportamentos (M=37.9, DP=5.5) e dos que têm mais amigos com comportamentos de protecção (M=39.7, DP=5.2). Já para os géneros, os rapazes têm maior bem-estar (M=39.3, DP=5.4) do que as raparigas (M=37.9, DP=5.6). O efeito da interacção entre a monitorização e o tipo de amigos (F2,1364)=1.725, n.s.), da interacção entre a monitorização e o género (F1,1364)=.039, n.s.), da interacção entre o tipo de amigos e os géneros (F2,1364)=1.925, n.s.) e da interação entre a monitorização, o tipo de amigos e os géneros (F2,1364)=.398, n.s.) não foram estatisticamente significativos.

Relativamente à moderação da monitorização na relação entre o tipo de amigos, os géneros e os sintomas físicos, encontrou-se um efeito principal da monitorização parental (F1,1394)=5.775, p≤.05), do género (F1,1394)=24.660, p≤.001) e uma interacção significativa entre a monitorização e o tipo de amigos (F2,1394)=4.056, p≤.05). O efeito do tipo de amigos (F2,1394)=1.885, n.s.), da interação entre a monitorização e os géneros (F1,1394)=1.582, n.s.), da interacção entre o tipo de amigos e os géneros (F2,1394)=1.855, n.s.) e da interacção entre a monitorização, o tipo de amigos e os géneros (F2,1394)=2.589, n.s.) não foram estatisticamente significativos. O efeito da monitorização parental mostra que os adolescentes com mais monitorização parental têm menos sintomas físicos (M=9.9, DP=4.3) do que os que têm pouca monitorização parental (M=10.7, DP=4.7). O efeito do género revela que os rapazes têm menos sintomas (M=8.9, DP=3.7) do que as raparigas (M=10.9, DP=4.7). A interação entre a monitorização e o tipo de amigos indica que os adolescentes com maior monitorização parental com mais amigos com comportamentos de risco têm menos sintomas (M=9.9, DP=4.1) do que os que têm mais amigos com ambos os comportamentos (M=10.2, DP=4.8) e mais sintomas físicos do que os que têm mais amigos com comportamentos protectores (M=9.7, DP=3.9), enquanto os adolescentes com menor monitorização parental com mais amigos com comportamentos de risco têm menos sintomas físicos (M=9.6, DP=4.3) do que os que têm mais amigos com ambos os comportamentos (M=10.7, DP=5.0) e do que os que têm mais amigos com comportamentos de protecção (M=12.1, DP=4.6).

Na análise da moderação da monitorização parental na relação entre o tipo de amigos, os géneros e os sintomas psicológicos encontrou-se um efeito principal da monitorização parental (F1,1394)=18.018, p≤.001), do género (F1,1394)=23.899, p≤.001), uma interação significativa entre a monitorização e o tipo de amigos (F2,1394)=5.759, p≤.01), uma interacção significativa entre o tipo de amigos e os géneros (F2,1394)=6.759, p≤.001) e uma interacção significativa entre a monitorização, o tipo de amigos e os géneros (F2,1394)=6.794, p≤.001). O efeito do tipo de amigos (F2,1394)=.877, s.n.) e a interação entre a monitorização e os géneros (F1,1394)=.046, s.n.) não foram estatisticamente significativas. O efeito da monitorização parental revela que os adolescentes com muita monitorização parental têm menos sintomas psicológicos (M=8.6, DP=3.9) do que os que têm pouca monitorização parental (M=10.3, DP=5.2).

O efeito do género mostra que os rapazes têm menos sintomas psicológicos (M=7.9, DP=3.8) do que as raparigas (M=9.5, DP=4.2). A interacção entre a monitorização e o tipo de amigos indica que os adolescentes com maior monitorização parental que têm mais amigos com comportamentos de risco têm mais sintomas psicológicos (M=9.3, DP=4.4) do que os que têm mais amigos com ambos comportamentos (M=8.8, DP=4.1) e do que os adolescentes que têm mais amigos com comportamentos de protecção (M=8.4, DP=3.7), enquanto os adolescentes com menos monitorização parental com mais amigos com comportamentos de risco têm menos sintomas psicológicos (M=9.2, DP=5.7) do que os que têm mais amigos com ambos os comportamentos (M=10.2, DP=4.9) e do que os que têm mais amigos com comportamentos de protecção (M=11.7, DP=4.9). Já a interacção entre o tipo de amigos e os géneros mostra que os adolescentes rapazes, com mais amigos com comportamentos de risco, têm menos sintomas psicológicos (M=7.8, DP=3.8) do que as raparigas (M=10.8, DP=5.1), assim como os que têm mais amigos com ambos os comportamentos e são rapazes, têm menos sintomas psicológicos (M=8.1, DP=4.0) do que quando são raparigas (M=9.9, DP=4.2), já os adolescentes rapazes com mais amigos com comportamentos de protecção têm menos sintomas psicológicos (M=7.8, DP=3.4) do que as raparigas (M=9, DP=4). Por sua vez, a interacção entre a monitorização parental, o tipo de amigos e os géneros revela que os adolescentes com maior monitorização parental, mais amigos com comportamentos de risco, do género masculino, têm menos sintomas psicológicos (M=8.0, DP=3.9) do que os adolescentes do género feminino (M=10.6, DP=4.6); os rapazes, com mais monitorização, que têm mais amigos com ambos os comportamentos têm menos sintomas psicológicos (M=7.8, DP=3.7) do que as raparigas (M=9.9, DP=4.3); e os que têm mais amigos com comportamentos de protecção, têm maior monitorização parental e são rapazes têm menos sintomas psicológicos (M=7.6, DP=3.3) do que as raparigas (M=8.9, DP=3.9). Considerando os adolescentes com menos monitorização parental e com mais amigos com comportamentos de risco, são os rapazes que continuam a ter menos sintomas psicológicos (M=7.1, DP=3.6) do que as raparigas (M=11.5, DP=6.8), aqueles que têm mais amigos com ambos os comportamentos e são rapazes, têm mais sintomas psicológicos (M=11.2, DP=5.9) do que as raparigas (M=9.5, DP=3.8), por sua vez os que têm mais amigos com comportamentos de protecção e são rapazes têm menos sintomas psicológicos (M=10.4, DP=4.6) do que as raparigas (M=13.2, DP=4.9).

Figura 1 - Sintomas psicológicos por géneros

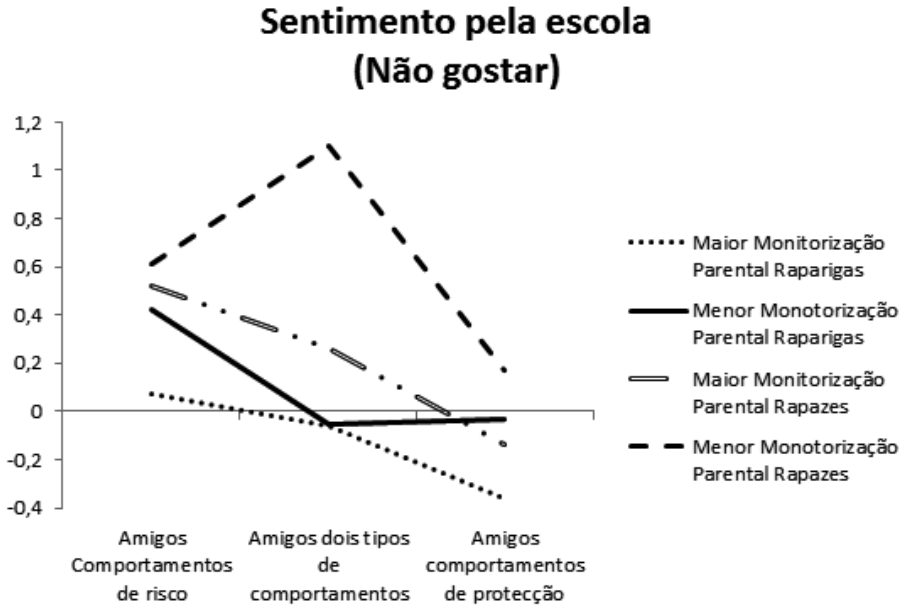


A análise da moderação da monitorização parental na relação entre o tipo de amigos, os géneros e o sentimento pela escola revelou um efeito principal da monitorização parental ($F1,1411)=11.973$, $p\leq.001$), do tipo de amigos ($F2,1411)=9.673$, $p\leq.001$), do género ($F1,1411)=20.593$, $p\leq.001$) e uma interação significativa entre o tipo de amigos e os géneros ($F2,1411)=3.655$, $p\leq.05$) e entre a monitorização, o tipo de amigos e os géneros ($F2,1411)=3.616$, $p\leq.05$). A interação entre a monitorização parental e o tipo de amigos ($F2,1411)=.445$, n.s.) e a interacção entre a monitorização e os géneros ($F1,1411)=.916$, n.s.) não foram estatisticamente significativas.

O efeito da monitorização parental indica que quando existe maior monitorização parental a média dos adolescentes que não gostam da escola é inferior (M=-.06, DP=.96) do que quando existe menor monitorização parental (M=.38, DP=1.1). O efeito do género mostra que a média dos rapazes que não gostam da escola é superior (M=.18, DP=1.1) à das raparigas (M=-.19, DP=.85). A interacção entre o tipo de amigos e os géneros revelam que a média dos rapazes que têm mais amigos com comportamentos de risco que não gostam da escola é superior (M=.54, DP=1.2) do que das raparigas (M=.14, DP=.90), os rapazes que têm mais amigos com ambos os comportamentos gostam menos da escola (M=.34, DP=1.1) do que as raparigas (M=-.06, DP=.87) e os rapazes com mais amigos com comportamentos de protecção também gostam menos da escola (M=-.12, DP=.95) do que as raparigas (M=-.35, DP=.79). A interacção entre a monitorização, o tipo de amigos e os géneros revela que entre os adolescentes com maior monitorização, com mais amigos com comportamentos de risco, os rapazes gostam menos da escola (M=.52, DP=1.2) do que as raparigas (M=.07,

DP=.90), aqueles com mais amigos com ambos os comportamentos, são também os rapazes que gostam menos da escola (M=.27, DP=.1.1) do que as raparigas (M=-.07, DP=.86) e os que têm mais amigos com comportamentos de protecção são também os rapazes que gostam menos da escola (M=-.15, DP=.93) do que as raparigas (M=-.36, DP=.78). Entre os adolescentes com menos monitorização parental, com mais amigos com comportamentos de risco, são os rapazes que gostam menos da escola (M=-.61, DP=1.3) quando comparados com as raparigas (M=.42, DP=.42), entre os que têm mais amigos com ambos comportamentos, são os rapazes que gostam menos da escola (M=1.10, DP=1.1) do que as raparigas (M=-.04, DP=.99) e entre os que têm mais amigos com comportamentos de protecção, continuam a ser os rapazes quem menos gosta da escola (M=.17, DP=1.2) quando comparados com as raparigas (M=-.03, DP=.89).

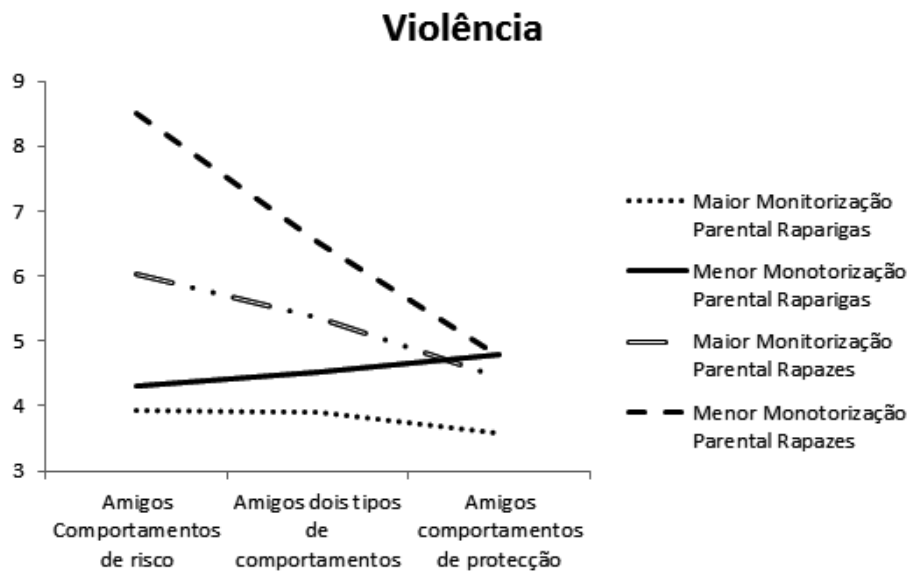
Figura 2 - Sentimento pela Escola (não gostar) por géneros



Na análise da moderação da monitorização na relação entre o tipo de amigos, os géneros e os comportamentos de violência verificou-se um efeito principal da monitorização parental ($F1,1355)=28.948$, $p\leq.001$), que indica que os adolescentes com maior monitorização parental têm menos comportamentos de violência (M=4.3, DP=1.9) do que os que têm menos monitorização parental (M=5.6, DP=3.0). Um efeito principal do tipo de amigos ($F2,1355)=13.105$, $p\leq.001$), que mostra que os adolescentes com mais amigos com comportamentos de risco envolvem-se mais em comportamentos de violência (M=5.3, DP=2.9)

do que os que têm mais amigos com ambos os comportamentos (M=5.7, DP=2.3) e do que os que têm mais amigos com comportamentos de protecção (M=3.9, DP=1.4). Um efeito principal do género (F1,1355)=84.518, p≤.001) que revela que os rapazes envolvem-se mais em comportamentos de violência (M=5.2, DP=2.5) do que as raparigas (M=3.8, DP=1.5). Verificou-se ainda uma interacção significativa entre o tipo de amigos e o género (F2,1355)=14.270, p≤.001), que mostra que entre os adolescentes com mais comportamentos de risco são os rapazes quem mais se envolve em comportamentos de violência (M=6.7, DP=3.3) quando comparados com as raparigas (M=4.0, DP=1.8), entre os que têm mais amigos com ambos os comportamentos são igualmente os rapazes quem mais se envolve em comportamentos de violência (M=5.4, DP=2.6) quando comparados com as raparigas (M=3.9, DP=1.7); e entre os que têm mais amigos com comportamentos de protecção continuam a ser os rapazes a ter mais comportamentos de violência (M=4.5, DP=1.6) quando comparados com as raparigas (M=3.6, DP=1.1). E uma interacção significativa entre a monitorização parental, o tipo de amigos e os géneros (F2,1355)=4.336, p≤.05) que indica que quando existe maior monitorização parental e os adolescentes têm mais amigos com comportamentos de risco, são os rapazes quem mais se envolve em comportamentos de violência (M=6.0, DP=3.0) quando comparados com as raparigas (M=3.9, SD=1.5); para os adolescentes com mais amigos com ambos os comportamentos, são os rapazes quem mais se envolve em comportamentos de violência (M=5.3, DP=2.5) quando comparados com as raparigas (M=3.9, DP=1.7); e entre os que têm mais amigos com comportamentos de protecção continuam a ser os rapazes quem se envolve em mais comportamentos de violência (M=4.4, DP=1.6) quando comparados com as raparigas (M=3.6, DP=1.0). Já quando existe menor monitorização parental e os adolescentes têm mais amigos com comportamentos de risco, são os rapazes quem mais se envolve em comportamentos de violência (M=8.5, DP=3.4) quando comparados com as raparigas (M=4.3, DP=2.9); entre os que têm mais amigos com ambos os comportamentos, são igualmente os rapazes quem mais se envolve em comportamentos de violência (M=6.5, DP=3.2) quando comparados com as raparigas (M=4.5, DP=2.2); e entre os que têm mais amigos com comportamentos de protecção, as raparigas têm maior envolvimento em comportamentos de violência (M=4.8, DP=2.4) quando comparadas com os rapazes (M=4.7, DP=1.4). A interacção entre a monitorização e o tipo de amigos (F2,1355)=.994, n.s.) e a interacção entre a monitorização e os géneros (F1,1355)=2.335, n.s.) não foram estatisticamente significativas.

Figura 3 - Violência por géneros



A análise da moderação da monitorização parental na relação entre o tipo de amigos, os géneros e os comportamentos de risco revelou um efeito principal da monitorização parental ($F1,1295)=3.845$, $p\leq.05$) que mostra que os adolescentes com maior monitorização parental têm menos comportamentos de risco (M=3.9, DP=1.6) do que os que têm menos monitorização (M=4.6, DP=2.1). E um efeito principal do tipo de amigos ($F2,1295)=38.735$, $p\leq.001$) que indica que os adolescentes com mais amigos com comportamentos de risco têm maior envolvimento em comportamentos de risco (M=5.0, DP=2.2) do que os que têm mais amigos com ambos os comportamentos (M=4.5, DP=1.9) e do que os que têm mais amigos com comportamentos de protecção (M=3.3, DP=.79). O efeito do género ($F1,1295)=1.429$, n.s.) e a interacção entre a monitorização e o tipo de amigos ($F2,1295)=2.620$, n.s.), entre a monitorização e os géneros ($F1,1295)=1.136$, n.s.), entre o tipo de amigos e os géneros ($F2,1295)=1.139$, n.s.) e entre a monitorização, o tipo de amigos e os géneros ($F2,1295)=1.284$, n.s.) não foram estatisticamente significativos.

Discussão

O objetivo do presente estudo foi analisar se o tipo de amigos influencia os comportamentos de risco e o bem-estar dos adolescentes de forma diferenciada entre os géneros e se a monitorização parental poderá moderar essa influência também de forma diversa entre os géneros.

Os resultados indicam que existe uma influência por parte do grupo de pares no comportamento dos adolescentes. Para todos os comportamentos, os jovens que têm mais amigos com comportamentos de risco são também os que mais se envolvem em comportamentos de risco e revelam menor bem-estar geral. Essa tendência é visível tanto para as raparigas como para os rapazes. A importância dos amigos nos comportamentos dos adolescentes é realçada com estes resultados, indo ao encontro dos autores que consideram que o grupo de pares pode ser determinante para o estilo de vida adoptado pelos adolescentes (Trallero, 2010; Padilla, Walker & Bean, 2009; Tomé, Matos & Diniz, 2008; Reitz, Dekovic, Meijer, & Engels, 2006), podendo potenciar o envolvimento em comportamentos de risco ou protege-los do envolvimento nesses comportamentos.

Na primeira parte da análise dos resultados, as diferenças entre os géneros não são visíveis, uma vez que tanto os rapazes como as raparigas são igualmente influenciados pelo tipo de amigos que têm. Não é visível nos resultados gerais a maior resistência das raparigas ao grupo de pares, como defendem alguns autores (Sumter, Bokhorst, Strinberg, & Westenberg, 2009). Quando inserimos a monitorização parental nas análises, parece surgir alguma diferença, no entanto não como seria esperado.

A monitorização parental surge como uma variável importante no comportamento dos adolescentes. Verifica-se que para todas as variáveis analisadas, quanto maior monitorização parental existir menor o envolvimento em comportamentos de risco e maior bem-estar geral. Confirma-se com isto a importância dos pais em todo o processo de socialização dos adolescentes, assim como a importante tarefa de protecção para o envolvimento dos adolescentes em determinados comportamentos prejudiciais para o seu bem-estar (Piko & Hamvai, 2010; Martino, Ellickson & McCaffrey, 2009; Simantov, 2000). A comunicação e apoio parental podem realmente ser fontes alternativas do apoio e influência do grupo de pares (Anteghini, Fonseca, Ireland, & Blum, 2001).

Nas análise onde se tentou verificar a moderação da monitorização parental na influência dos amigos, os resultados encontrados, de uma forma geral, não foram ao encontro do esperado. As diferenças entre os géneros não surgem tão salientes em todas as variáveis. De uma forma geral, rapazes e raparigas são influenciados pelos amigos e pelo tipo de monitorização parental, não existindo interação entre as duas variáveis na maioria dos comportamentos incluídos na análise. Por um lado, o tipo de amizade que os adolescentes mantêm não foi tida em conta neste estudo, não sendo perceptível se as raparigas mantêm amizades mais próximas com maior partilha e se os rapazes encontram-se inseridos em grupos mais conflituosos e mais numerosos (De Goede, Branje, & Meeus, 2009;Vaquera & Kao, 2008; Nangle, 2003).

De salientar que para os sintomas físicos e psicológicos a monitorização parental parece ter maior importância para os rapazes do que para as raparigas, já que os rapazes independentemente do tipo de amigos, têm sempre menos sintomas do que as raprigas, especialmente quando a monitorização parental é maior. No

entanto, para nenhuma variável se verifica um efeito principal da monitorização e do género, indicando que ao contrário do que se esperava, não existe diferença entre a monitorização parental para os géneros, ou seja, a monitorização não modera de forma diferenciada a influência dos amigos entre os géneros, resultados que não vão ao encontro do defendido por alguns autores referenciados (Piko & Hamvai, 2010; Choquet, Hassler, Morin, Falissar, & Chau, 2008).

A monitorização surge como moderadora do tipo de amigos nos sintomas físicos e psicológicos, revelando que pode interferir no tipo de influência que os pares têm no que se refere aos sintomas dos adolescentes, manifestando que uma percepção de maior monitorização parental pode estar associada a melhor bem-estar entre os adolescentes.

Torna-se importante observar que, de uma forma geral, o efeito do género pode não ser tão saliente para a influência dos amigos ou para como poderá a monitorização parental agir nessa relação, no entanto é patente que os pares influenciam os comportamentos dos adolescentes de uma forma positiva e negativa, e os pais têm um papel essencial no bem-estar dos adolescentes, através da monitorização das suas actividades. O tipo de amigos com comportamentos de risco, surge como a variável com maior influência no envolvimento em comportamentos semelhantes pelos adolescentes.

A divisão do tipo de amigos em grupos pode ter limitado os resultados encontrados, já que se perderam alguns sujeitos que não se encontravam inseridos em nenhum dos grupos, no entanto foi a forma mais adequada para se comparar o tipo de amigos e os comportamentos de risco dos adolescentes.

Ideias-Chave:

- Diferença entre os géneros relativamente à influência dos pares não é saliente para as variáveis analisadas;
- Monitorização parental é essencial para o bem-estar dos adolescentes;
- Diferença entre os géneros na monitorização parental não se revela factor diferenciador entre a adopção dos comportamentos incluídos no estudo;

Referências Bibliográficas

Ackard, D. M., Neumark-Sztainer, D., Story, M., & Perry, C. (2006). Parent–child connectedness and behavioral and emotional health among adolescents. *American Journal of Preventive Medicine*, 30, 59-66.

Anteghini, M., Fonseca, H., Ireland, M., & Blum, R. (2001). Health risk behaviors and associated risk and protective factors among brazilian adolescents in Santos, Brazil. *Journal of Adolescent Health*, 28, 295-302.

Bayer, J.K., Sanson, A.V., & Hemphill, S.A. (2006). Parent influences on early childhood internalizing difficulties. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 27, 542-559

Borawski, A.E., Ievers-Landis, E.C., Lovegreen, D.L., & Trapl, S.E. (2003).

Parental monitoring, negotiated unsupervised time, and parental trust: the role of perceived parenting practices in adolescent health risk behaviors. *Journal of Adolescent Health*, 33(2), 60-70.

Bricker, J. B., Jr., A. V. P., Sarason, I. G., Andersen, M. R., & Rajan, K. B. (2007). Changes in the influence of parent`and close friends` smoking on adolescent smoking transitions. *Addictive Behaviors*, 32, 740-757.

Cantril, H. (1965). *The pattern of human concerns*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.

Choquet, M., Hassler, C., Morin, D., Falissar, B., & Chau, N. (2008). Perceived parenting styles and tobacco, alcohol and cannabis use among French adolescents: gender and family structure differentials. Alcohol and Alcoholism, 43(1), 73-80.

Clark, A., & Lohéac, Y. (2007). It wasn´t me, it was them! Social influence in risk behaviour by adolescents. *Journal of Health Economics*, 26(4), 763-784.

Cottrell, L., Yu, S., Liu, H., Deveaux, L., Lunn, S., bain, R., & Stanton, B. (2007). Gender-based Model Comparisons of Maternal Values, Monitoring, Communication, and Early Adolescent Risk Behavior. *Journal of Adolescent Health*, 41, 371-379.

Currie, C., Samdal, O., Boyce, W., & Smith, R. (2001). *HBSC, and WHO cross national study: research protocol for the 2001/2002 survey*. Copenhagen: WHO.

Currie, C., Roberts, C., Morgan, A., Smith, R., Settertbulte, W., Samdal, O., Rasmussen, V.(2004). *HBSC, and WHO cross national study: research protocol for the 2001/2002 survey*. Copenhagen: WHO.

De Goede, I., Branje, S., & Meeus, W. (2009). Developmental changes and gender diferences in adolescents´perceptions of friendships. *Journal of Adolescence*, 32, 1105-1123.

Ennett, S. T., Foshee, V. A., Bauman, K. E., Hussong, A., Cai, L., & McNaughton Reyes, H. I. (2008). The social ecology of adolescent alcohol misuse. *Child Development*, 70(6) , 1777-1791.

Gaspar, T., & Matos, M. (2008). *Qualidade de vida em crianças e adolescentes versão portuguesa dos intrumentos Kidscreen 52*. Lisboa: FCT

Gaertner, E. A., Fite, J.P., & Colder, R.C. (2010). Parenting and Friendship Quality as Predictors of Internalizing and Externalizing Symptoms in Early Adolescence. *Journal of Child and Family Studies*, 19, 101-108.

Go, M.-H., Green Jr., H. D., Kennedy, D. P., Pollard, M., & Tucker, J. S. (2010). Peer influence and selection effects on adolescent smoking. *Drug and Alcohol Dependence*, 109, 239-242

Hartup, W. (2005). Peer interaction: What causes what? *Journal of Abnormal Child Psychology*,33, 387-394

Kuntsche, E. & Gmel, G. (2004). Emotional wellbeing and violence among social and solitary risky single occasion drinkers in adolescence. *Addiction*, 98, 331-339.

Luk, W. J., Farhat, T., Iannotti,J.R., Simons-Morton, B. (2010). Parent–child communication and substance use among adolescents: Do father and mother

communication play a different role for sons and daughters? *Addictive behaviors*, 35, 426-431.

Markovits, H., Benenson, J., & Dolenszky, E. (2001). Evidence that children and adolescents have internal models of peer interaction that are gender differentiated. *Child Development*, 72, 879-886.

Matos, M., & Equipa do Aventura Social (2006). A saúde dos adolescentes Portugueses – Hoje e em 8 anos – Relatório Preliminar do estudo HBSC 2006. Web site: www.fmh.utl.pt/aventurasocial.com.

Martino, S. C., Ellickson, P. L., & McCaffrey, F. D. (2009). Multiple trajectories of peer and parental influence and their association with the development of adolescent heavy drinking. *Addictive Behaviors*, 34 , 693-700.

Nangle, D. (2004). Opposites do not attract: social status and behavioral style concordances and discordances among children and the peers who like or dislike them. Retrieved 13-12, 2007, from www.findarticles.com

Padilla-Walker, L. M., & Bean, R. A. (2009). Negative and positive peer influence: Relations to positive and negative behaviors of African American, European American, and Hispanic adolescents. *Journal of Adolescence*, 32, 323-337.

Pereira, E., & Matos, M. (2005). Grupo de pares, comportamentos desviantes e consumo de substâncias. In M. Matos (Ed.), *Comunicação Gestão de Conflitos e Saúde na Escola* (pp. 95-102). Cruz Quebrada: FMH Edições.

Piko, F.B. & Hamvai, C. (2010). Parent, school, and peer-related correlates of adolescents´ life satisfaction. *Children and Youth Services Review*, 32, 1479-1482

Reitz, E., Dekovic, M., Meijer, A. M. & Engels, R. C. M. (2006). Longitudinal relations among parenting, best friends, and early adolescent problem behavior. *Journal of Early Adolescence*, 26, 272-295.

Rubin, K. H., Dwyer, K. M., Booth-LaForce, C., Kim, A. H., Burgess, K. B., & Rose-Krasnor, L. (2004). Attachment, friendship, and psychosocial functioning in early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 24(4), 326-356.

Schneider, B. H. (2000). Friends and Enemies - *Peer relations in childhood*. London: Arnold.

Sieving, E.R., Perry, L.C., & Williams, L.C. (2000). Do friendships changes behaviors, or Do behaviors change friendships? Examining paths of influence in young adolescents´alcohol use. *Journal of Adolescent Health*, 26, 27-35.

Simantov, E. (2000). Health compromising behaviours: why do adolescents smoke or drink? *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, 2(1),85-101.

Sumter, S. R., Bokhorst, C. L., Steinberg, L., & Westenberg, P. M. (2009). The developmental pattern of resistance to peer influence in adolescence: Will the teenager ever be able to resist? *Journal of Adolescence*, 32 , 1009-1021.

Sussman, S., Pokhrel, P., Ashmore, R. D., & Brown, B. B. (2007). Adolescent peer group identification and characteristics: A review of the literarture. *Addictive Behaviors*, 32, 1602-1627.

Tomé, G., Matos, M. & Diniz, A. (2008). Consumo de substâncias e isolamento social durante a adolescência, in M. Matos (eds.) *Consumo de Substâncias: Estilo*

de Vida? À Procura de um estilo? pp. 95-126. Lisboa: IDT

Trallero, J. (2010). El Adolescente en su Mundo. *Riesgos, problemas y trastornos*. Madrid: Ediciones Pirámide.

Wilkinson, R. B. (2010). Best friend attachment versus peer attachment in the prediction of adolescent psychological adjustment. *Journal of Adolescence*, 33, 709-717

Vaquera, E., & Kao, G. (2008). Do you like me as much as I like you? Friendships reciprocity and its effects on school outcomes among adolescents. *Social Science Research*, 37 , 55-72